

# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.  
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuário Commercial.

16 DE ABRIL DE 1911

N.º 294

## O Calvario



Quadro do pintor portuguez Julio Costa



Assumptos

Religiosos

## CONTO DA PASCHOA

**S**IMEÃO e Cleophas, os irreconciliáveis, seguiam a custo por um accidentado e pedregoso atalho. Como trinta annos antes, o pedante e o egoista detestavam-se. Sem proferirem palavra caminhavam, caminhavam sempre, a toda a força das tropegas pernas, os pés chagados, apoiando-se aos nodosos bordões. Subitamente pararam como que obedecendo a um pensamento comum.

que sentia pelo outro se transformaria em desprezo ás primeiras palavras que trocassem. Subia-lhes aos corações o odio antigo. Nada os approximava, nem mesmo a desgraça que os acostumara a não pensarem senão em si proprios. Sofriam por se verem juntos e cada vez mais estranhos um ao outro; e a ideia de se separarem aterrava-os. E as trevas eram cada vez mais densas nas suas almas...

Mas a ameaça de uma Tempestade no ceu veio distrahir-os do tormento que bramava nos seus corações. Nuvens negras desciam illuminadas a espaços por subitos clarões; os trovões rugiam e as aves cortavam os ares n'um vôo desesperado, com gritos de terror. E em breve se fez um silencio profundo e lugubre, como se na angustia da expectativa, o coração da propria terra cessasse de palpitar.

Finas gotas d'agua cahiam da abobada celeste d'onde desapparecera a luz... Seria por acaso a morte, a horrivel morte, que se faria annunciar? Os dois velhos levantaram-se bruscamente e deitaram a correr quanto podiam pela ingreme vereda. A chuva cahia torrencialmente; os relampagos succediam-se riscando o horizonte a linhas de fogo para logo a treva se tornar mais densa e a voz do trovão ribombar cada vez mais sonora. E os dois corriam de mãos dadas, approximados uma vez mais pelo mesmo sentimento de odio pela vida e de horror pela morte.

Mas de repente estacaram, maravilhados, os peitos arquejantes, os labios tremulos, como se se tivessem libertado de um mau sonho. Estavam no cimo da montanha, a tempestade parara. E o espectáculo que deante d'elles se desenrolava encheu-os de uma tal felicidade que, pela primeira vez depois de trinta annos, cahiram de joelhos, de mãos postas, dando graças a Deus.

Limitado por um vasto circulo de colinas espriaava-se um lindo lago, azul e tranquillo, d'onde emergiam ilhotas floridas. E das margens ao alto das colinas, tudo eram os campos de cultura e pequeninos bosques, onde se elevavam pequenas tendas engalanadas de rosas, glycinias e trepadeiras. Todo o valle sem vestigios de sebes ou muros divisorios, era um verdadeiro jardim. Pelos atalhos floridos as creanças corriam, folgando, seguidas pelos animaes. Os lavradores lançavam aos sulcos recentemente abertos na terra os ultimos punhados de semente antes da refeição da noite. E na margem passeavam, aos pares, namorados, rindo e olhando-se demorada e ternamente, parando, de quando em quando, para se beijarem.

Muitas vezes os dois tinham visto paysagens de grande belleza e nunca a paz de uma aldeia na doce tranquillidade do pôr do sol os surpreendera. No entanto, o espectáculo que se desenrolava a seus olhos enchia-os de uma alegria sobrenatural, como se, tendo gasto a vida na pesquisa de uma guarida, o acaso lhes deparasse agora esse asylo apetecido. Um delicioso perfume errava no ar, insuflando energias em seus corações. E o murmurio da agua e o canto das aves e o riso dos namorados e a alegria das creanças, produziam-lhes no ouvido o effeito de um grande e prodigioso hymno, celebrando em mil harmonias a nobreza, a doçura, a divina belleza da vida.

Iam descendo lentamente pela encosta, de mãos dadas. Mais uma vez tinham esquecido os antigos odios; sentiam a necessidade de se reconciliar, entrando n'aquella aldeia, como dois pequeninos que se beijam á porta da casa paterna depois de uma zanga e de

— O prazer é um grosseiro embuste, um laço armado aos ignorantes que n'elle encontram o soffrimento! — exclamou Cleophas erguendo a mão para dar mais relevo á sentença. — Todos os philosophos estão de accordo n'este ponto. Todos! Decifrar o enigma do mundo, saber se a realidade existe em nós ou fóra de nós, descobrir a lei que põe os atomos em movimento, isso sim, isso é que merece o dispendio de esforços! Porque estou eu tão velho? Porque orientei mal as minhas indagações durante trinta annos?... Pois affirmo-te que a verdade está aqui, deante de mim! Mais um passo e attingil-a-hei! Mas o meu pensamento pára — recusa avançar!

Como que alheio ao que o outro dizia, Simeão gemeu.

— Mais uns dias de riqueza e eu teria conhecido o praser! Sentaram-se pensativos, mudos, cada um adivinhando que o dó



se terem batido na rua. E já as crianças se aproximavam e meigamente lhes pediam que tomassem parte nos seus folguedos. E da primeira tenda da aldeia viram sahir e vir ter com elles uma linda mulher de grandes olhos negros, faiscantes de alegria. Viam-a correr, graciosa, leve, como uma fada de sonho, com o seu branco vestido que a aragem fazia ondular. Ella beijou-lhes as mãos e disse-lhes:

— Como sois bons, meus amigos, e como vos estou grata por terdes vindo á nossa aldeia! Que alegria nos daes! Entrae n'esta tenda onde moramos. Dar-vos-hemos de cear, poremos os vossos mantos a secar e cantaremos para que o somno vos não vença depressa. Pareceis ter feito uma longa jornada por esses caminhos que dizem ser muito, muito maus!

Entraram. Um bello rapagão beijou-lhes as mãos, tirou-lhes os mantos e fel-os sentar á mesa. Era o marido da formosa mulher. Teve-a sentada nos joelhos durante a refeição; ella sorria para os tres. E em volta d'elles as creancinhas sorriam tambem, como anjos.

Os dois nada diziam; sentiam-se demasiado felizes. Depois da ceia foram deitar-se n'uma cama que os esperava no mais abrigado canto da tenda. A linda mulher tratou das chagas que a penosa caminhada lhes fizera nos pés. Conhecia todas as especies de plantas medicinaes; mas o que melhor os sarava era o seu ingenuo sorriso piedoso. E os dois adormeceram ouvindo as canções d'ella, com a sua doce imagem no olhar...

Foi o marido quem no dia seguinte veio dar-lhes os bons dias. Tomou-os pelo braço e conduziu-os atravez da aldeia, informando-se incessantemente dos seus desejos, continuamente rindo e fazendo-os rir. E contava-lhe as familias que habitavam as tendas que iam encontrando, tranquillias, felizes, não tendo outro cuidado senão amar.

— Vejam, dizia-lhes, aqui estão charruas para amanhar as terras, saccos para conduzir as sementeiras, teares para a lã. Cada qual escolhe o trabalho que lhe convem e n'elle emprega o tempo que lhe apraz. Ha tambem entre nós alguns que acham melhor não fazer coisa alguma. São esses os nossos preferidos porque trabalhamos por elles. Infelizmente são raros. Chegou aqui gente de todas as castas n'estes ultimos annos: sabios fartos de sabedoria, ricos cansados da sua riqueza. Regosijámo-nos pensando que elles consentiriam que trabalhassemos por elles. Mas não, dentro de pouco quizeram trabalhar como nós e hoje são os mais activos de toda a aldeia. Trabalhar cada qual para si é penoso e até um pouco vil; mas trabalhar para aquellos que amamos é por acaso trabalhar? Que outro prazer teriamos se nos privassemos d'esse prazer?

— Percebo, disse Cleophas. Estabeleceram n'este valle uma comunidade tal como a sonham os revolucionarios!

— Não sei o que essa gente deseja porque não a conheço, respondeu o rapagão. A ninguém mais do que a nós repugna a ideia de revolução. A nossa aldeia assemelha-se a todas as aldeias; simplesmente somos talvez aqui mais felizes. Não queremos transformar as exterioridades da vida; limitamo-nos a melhora-la na sua essencia. A felicidade não provém da riqueza. E'-se feliz quando se tem desejos que se podem satisfazer. E são esses que desenvolvemos em nós e em volta de nós. Acostumamo-nos a amar, isto é, a fazer residir a nossa felicidade não em nós mesmos mas nos outros. E' uma fonte de alegria que não secca. Todo o homem a possui no fundo do coração; quantas vezes ella estanca occulta sob plantas funestas, que são os maus desejos. E d'ahi provém a infelicidade.

— Quaes são então, disse Cleophas, esses maus desejos?

— Basta um só para produzir todos os outros: o desejo de saber. Elle é que leva os homens a julgarem-se differentes uns dos outros. Elle é que lhes faz perder de vista os gosos que teem á mão para os lançar em busca de sombras vãs de prazer, que se afastam mal se lhes pretende tocar. Aprender, no fundo, é esquecer; pensar, embrutecer-se; porque nem a sciencia nem o pensamento produzem cousa alguma de real e descaminham do que real é: a paz e o amor. Assim pensamos, aqui. Por isso vos rogo nunca falleis a ninguém, sobretudo ás creanças, no que se passa para além das nossas colinas. Conhecesteis lá provavelmente a sciencia e a riqueza e sem duvida apreciasteis os gosos que ellas vos offereciam. Mas nós, bem vêdes, preferimos a vida pelo amor e a sciencia e a riqueza só estorvariam a nossa felicidade. Nossos filhos quasi já não teem curiosidade de saber o que se passa para além da aldeia. E' um desejo muito pouco natural e facil de destruir, comtanto que se comece a tempo. Disseram-me que ha pontos onde a propria curiosidade dos sabios tem que se deter. Quando se julga uma coisa impossivel ou perigosa de conhecer

facilmente, resignamo-nos a ignorar-a. Diremos a nossos filhos que nada ha a conhecer fóra d'aqui. Elles acreditam e ficam entre nós. Trez ou quatro tiveram a tentação de ir verificar se era ou não verdade. Apenas um ficou por lá; outros voltaram tristes e doentes; são os que hoje respondem com mais energia que nada existe além d'estas colinas, quando nossos filhos fazem tal pergunta.

— Então não tendes escola?

— Se não temos escola? A educação dos filhos é, pelo contrario, a nossa mais importante occupação, é d'ella que depende toda a felicidade da vida. Não temos, realmente, professores. Mas tambem não temos medicos e nem por isso deixamos de nos tratar quando estamos doentes. Cada um se encarrega do ensino no momento que mais lhe convem, e não ha mais doce encargo. Olhae, aqui tendes a nossa escola.

Fel-os entrar n'uma grande tenda onde viram muitas creanças que brincavam, distrahiendo-se com toda a especie de brinquedos sob a inspecção de um homem e uma mulher, que n'esse momento eram os professores. Brincavam com as creanças, dando-lhes o exemplo de docura e do amor, o unico ensino que se ministrava n'essa escola. Depois, quando se cançavam, os pequenos sentavam-se em volta dos dois, que lhes explicavam o mundo. Diziam-lhes que o sol era um bom velhinho cheio de piedade pelas creaturas e que a lua e suas lindas filhas, as estrellas, eram tão boas que incessantemente serviam aos namorados. Estas explicações talvez não fossem mais exactas que as dos astrónomos; mas tinham pelo menos a vantagem de permitir variar-se á vontade e de enternecer o coração em vez de o empedernir.

Em seguida os professores contavam aos alumnos lendas maravilhosas de boas creaturas e fadas bemfazejas. E como, por brincar com os pequenos, todos lhe conheciam o genio, sempre se encontrava meio de inspirar-lhes amor e docura.

— Não vejo livros! disse Simeão.

— Mas de que nos serviriam os livros, não me direis? Precisamos por acaso de livros para amanhar as terras, para crear os filhos, para amar nossas mulheres?

— E a Arte? Roubaes aos vossos sentidos os prazeres da Belleza?

— Isso seria o maior dos crimes! exclamou o mancebo. Então havíamos de condemnar-nos a não gosar o perfume das flores, as cambiantes de luz nas aguas do lago, o canto das aves e os olhos das mulheres? Mas, pelo contrario, todos nós amamos todas essas bellas coisas. Vemos, escutamos, respiramos: gosos que nos seriam defesos se permittissemos á sciencia a invasão do nosso cerebro. E com o que sentimos, sonhamos, creando em nós outras bellezas: mas evitamos todo o esforço para dirigir os nossos sonhos e sobretudo para os realisar. A que chamaes arte, no vosso paiz? Cuido que será alguma d'essas invenções funestas que só servem para descaminhar a alma das verdadeiras alegrias que tão proximas d'ella estão.

E mostrou-lhes o lindo ceu d'um azul profundo, prados odorantes onde vicejavam flores das côres mais variiegadas. Os dois nunca teriam visto tão perfeito espectáculo da natureza? Tinham, mas não haviam attentado bem n'elle. E o mancebo apontou-lhes na margem do lago um espectáculo não menos maravilhoso: era a mulher, a sua querida mulher, que conversava e ria n'um bando de adolescentes. Vestia a mesma tunica da vespera, mas era bem mais formosa agora, sob a luz do sol. Os seus cabellos louros estavam enfeitados com flores como as cabelleiras das fadas; uma ingenua alegria illuminava os seus olhos e ouviam-se as frescas e argentinas gargalhadas que soltava.

— Não sois ciumento de vossa mulher? perguntou Simeão quando se afastavam.

— Bom velho, como posso ter ciumes, amando-a? O ciúme não é, porventura, a negação do amor? Amar alguém, entre nós, é querer-lhe mais do que a nós mesmos, afastar tudo quanto não lhe agrade e procurar dar-lhe tudo o que lhe cause prazer. Eu sei que nas vossas terras não é assim. Lá não se ama senão com a condição de ser-se amado tambem. Mas nós não entendemos o amor de uma tão triste maneira. Amo bastante minha mulher para me sentir feliz se, em vez de um sorriso de amor, eu colhesse na sua bocca querida um sorriso de reconhecimento ou mesmo de piedade. Compete-me fazer-me amar por minha mulher e asseguro-lhe que a esse respeito não sinto inquietação alguma. Ella não precisa de cousa alguma que eu lhe não possa dar. Sabe que é livre e que lhe é defeso o desejo das coisas prohibidas; habituou-se a mim desde a infancia; tem que dirigir a casa e cuidar dos filhos; sabe que não tenho outro amor no mundo: porque rasão havia de amar outro homem?



—Amigo, disse Cleophas, encontramos aqui o refugio apete-cido. Tudo o que nos cerca convem ao repouso e felicidade de nossos dias. Mas concordamos que taes costumes e taes ideias não poderiam convir a toda a humanidade.

—E que nos importa a humanidade? Deixamol-a viver como ella entende a vida e sómente lhe pedimos que nos deixe viver como nos convem. E não percebo a razão porque os homens não encontrariam a felicidade na mesma fonte onde nós a encontramos. Se as cidades são focos de miseria, porque não fogem d'ellas? Se vivemos aqui um milhar de creaturas gosando a vida, porque rasão

ridosamente. Muitos retiravam, depois d'elle os salvar da morte; alguns ficaram, construíram suas tendas e ajudavam-o na sua obra de piedade. E trinta annos volvidos seu ardor não diminuiu.

E' o mais pobre de nós todos: não tem cão, nem terras, nem jardim; nós é que somos o seu jardim, o seu campo, o seu cão. Abrigamo-nos sob a aza tepida do seu amor. Conhece os minimos pormenores de tudo o que nos diz respeito; na felicidade temos a alegria de o ver feliz comnosco e no infortunio a consolação de o ter, acompanhando-nos na nossa amargura. E' elle quem educa as nossas mulheres e inventa brinquedos para nossos filhos. Vêde, é

## JESUS



Quadro de Carlo Dolce existente no Museu de Dresde

não a gosam como nós os outros? Não faltam valles, nem campos, nem aves. As exterioridades da vida, nada significam; a felicidade é o que importa. Em toda a parte o homem pode ser feliz; basta-lhe adormecer o cerebro para que possa abrir os olhos e o coração. Que os homens procurem a felicidade e serão felizes.

— Quem vos disse onde estava a felicidade, mancebo, a vós e a toda esta gente? perguntaram os dois velhos a um tempo.

— Um homem admiravel, que amamos e veneramos como nosso pae commum. Ha trinta annos que chegou a este valle, enviado sem duvida pelo ceu. Construiu para seu uso uma tenda no extremo da estrada; e mal passava um viajante corria a saudal-o, beijava-lhe as mãos e os pés e levava-o para a tenda, onde o tratava ca-

aqui que elle mora. Entrae e elle vos dirá como conheceu o amor!

N'uma tenda miseravel, prestes a desabar e que mais parecia o casinholo de um cão, viram um homem sentado, trabalhando e cantando. Esculpia uma boneca n'um toro de madeira. Mal os viu, largou o trabalho, avançou para elles e agradeceu-lhes o prazer que sentia ao recebê-los. E fel-os sentar nos dois bancos que com uma tosca mesa e um leito constituíam toda a sua mobilia.

Grande foi a surpresa dos dois velhos. Esperavam encontrar um homem da sua idade; mas não, era quasi rapaz, apesar dos fios brancos que lhe prateavam a cabelleira, tal a esbelteza do corpo, a firmeza do andar, e agilidade dos movimentos.



# O DESCIMENTO DA CRUZ



Quadro de Rubens existente na Igreja de S. Jacques, em Antuerpia



Sobretudo o que os surpreendeu mais foi o rosto. Em vez da austeridade d'um philosopho lia-se n'elle a ingenuidade e simples alegria d'uma creança. Sorriam seus grandes olhos azues, sua bocca sorria, todo o seu rosto sorria. A propria fronte, rasgada e sem rugas, sorria sob os cabellos brancos. Via-se que por ella não passavam pensamentos inuteis. E ao passo que olhavam esse bello rosto, Cleophas e Simeão lembravam-se vagamente de já o ter visto, mas mais triste, mais cansado, mais velho.

— Não sois de Capharnaum, na Galileia? perguntaram elles.

— Não conheço essa terra respondeu o outro com um doce sorriso. Meu pae chamava-se Matheus; era um campones de Roffa, na Idumeia. Ha sessenta annos que morreu!

E como os velhos mostravam desejo de lhe conhecer a historia, continuou:

— «A minha vida é simples e não merecia ser narrada se não fosse o grande milagre de que fui testemunha ha trinta annos. Chamo-me Alpheu: no verão hei-de fazer sessenta annos. Passei a mocidade na minha terra natal, occupando-me tranquillamente no amanho dos campos. Aconteceu que um visinho rico me despojou de minhas terras e casa, de forma que tive de ir procurar fortuna para outra parte. Fui então para a Judeia e um estalajadeiro de Emmaus tomou-me ao seu serviço.

«N'uma noite chegaram á locanda tres mancebos que pediram de cear. Dois sentaram-se á mesa; o terceiro ficou afastado; puseram-se a conversar. De repente erguendo os olhos para o que não estava á mesa, sinto que o coração me palpitava como querendo saltar do peito e que uma felicidade enorme trasbordava d'elle... Nada sei ácerca d'esse viajante. Ignoro d'onde vinha e quem era; mas por certo não era uma creatura como nós. Se a terra e o ceu por alguém foram creados, foi elle quem os creou; porque havia na sua voz o canto da cotovia, o murmuro das fontes, o ruido das vagas despedaçando-se contra os rochedos; e todo o encantamento da natureza, os bosques e as planicies, as flores e as estrellas, tudo se reflectia na profundidade dos seus olhos.

## Jesus transportando a cruz



Quadro de Raphael

Cleophas e Simeão deram-se as mãos estremecendo...

«...Disse aos companheiros duas parabolás. Contou-lhes a historia de um sabio que fora infeliz porque cerrava ouvidos aos latidos d'um cão, na ancia de se instruir. Depois contou-lhes a historia de um jovem principe, que infringira a lei do seu paiz

para conceder a um pobre mendigo a unica felicidade que este desejava. Essas parabolás significavam que na vida nada é agradavel e santo senão a piedade e o amor. Logo lhes comprehendí a significação: tel-as-ia comprehendido por mais obscuras que fos-

## Jesus crucificado



Quadro de Van Dick

sem, somente pela luz d'aquelles olhos divinos que abrazavam o meu coração.

«Despedi-me do meu amo e quiz acompanhar aquelle homem, offerecendo-lhe a minha vida. Mas quando voltei ao sitio onde o deixara os tres viandantes tinham desaparecido. E, em verdade, dissera-me tudo quanto eu precisava saber.

«Abandonei Emmaus e vim para este valle para agasalhar e tratar os mendigos de estrada. O que fiz desde então posso dizel-o em duas palavras: gosei a vida. Cada dia que passa é um dia de festa. Aqui ha tantas flores e tantas aves, ha tantas creanças que me dão a beijar as suas boccas rosadas! E vós tambem, meus amigos, vos dignastes vir dar-me a alegria de vos tornar felizes!

— Irmão, disse Cleophas chorando, foi o Homem Divino que viste na estalagem de Emmaus que aqui nos mandou para que nos reveles o espirito da sua lei e para que nós te revelemos a sua origem. Esse homem era Jesus, filho de Deus vivo, Nosso Senhor, que resuscitara!

E todos trez ajoelharam. E os dois velhos tomando agua que benzeram, baptisaram Alpheu em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

E a vida continuou como até alli, tranquilla e doce, no valle ditoso, onde foi construido um templo. E lá se celebravam os louvores de Deus, para consolação dos velhos, alegria das mulheres e encanto das creanças...

CAMARA LIMA.

Quem se casa é como quem vae á guerra; vae exposto a quanto vier.

CONDE DE VIMIOSO.

Ha mulheres para quem a constancia se reduz a isto: O intervallo que separa duas phantasias.

MARQUEZ DE HERMANVILLE.



# O Calvario

(Quadro de Julio Costa)

**D**'ESTA notabilíssima obra d'arte dizia o grande cinzelador da palavra, que foi o conego Alves Mendes, no seu bello opusculo *A crucificação de Jesus*:

«Outros quadros de igual natureza adoecem de monotonia e languidez. Este não. E' tal a firmeza do desenho, tal a riqueza das tintas, tal e tanta a genial inspiração artistica, que a gente admira irresistivelmente e applaude entusiasticamente esta magistral pintura de Julio Costa.»

Inteiramente justa esta apreciação do genial orador que foi um dos artistas maximos do nosso paiz, que buri-lou prodigiosamente a lingua patria, com a graça e delicadeza exuberantissimas d'um Cellini, enriquecendo-a caprichosamente d'uma enorme profusão de termos novos que se notabilisam não só pela sua harmonia como pela maravilhosa fertilidade de imaginação.

Na verdade a grande tragedia christã da Judéa está ahí grandiosamente evocada com todo o pathetico que a reveste, com aquella comprehensão que a arte moderna tem do assumpto, que, mediante uma simplicidade tocante, surge com uma concepção bem humana, que bem se approxima da pungente realidade.

O sr. Julio Costa, que é possuidor d'uma technica poderosa, que tem um conhecimento vivo e profundo da cõr, e um desenho exacto e seguro, como o tem demonstrado em todos os seus trabalhos, conseguiu dar ao seu quadro um conjuncto harmonioso, que nos prende e captiva pelo alto poder esthetico que revêla e pela maneira de arte nova e pessoal como está interpretado o assumpto, não obstante este ser bastante ingrato, em virtude do filão pouco já ter que seja inédito.

No mundo não ha porventura outro acontecimento, em cuja interpretação tenham encontrado as mais grandiosas inspirações todos esses corypheus da arte, desde Giotto, Fra Angelico, Masolino, Botticelli, Masaccio, Perugino, Fra Bartholomeo, Mantegna, Andréa del Castagno, Dürer, Luini, Ticiano, Lotto, Holbein, Hans Memling, Van Orley, Rogier Van Der Weyden, Tintoretto, Pieter Breughel, Veronésio, Raphael, Bronzino, Correggio, Gossaert, Lucas de Cranach, Van Dick, Velasquez, Murillo, Breughel de Velours, Rembrandt, Goya, Van Der Werff, verdadeiros colossos da pintura que, em rasgos assombrosos de talento, triumphantemente fizeram resurgir os episodios da Paixão, até aos modernos Morot, James Tissot, Carrière, o russo Gay, o allemão Klinger, Columbano — o nosso grande evocador d'almas —, e esse portentoso artista polaco, Jan Stika, espirito gêmeo do seu famoso compatriota Henryk Sienkiewicz, e que nos seus quadros de maravilhoso colorido tem fixado o typo candido e melancolico de sonhador que é o Christo e apprehendido flagrantemente as pessoas, cousas, costumes e paisagens da Palestina, que percorreu em piedosa romagem, antes de conceber a portentosa serie de têlas, entre as quaes fulgem como obra prima *O Martyrio de Christo*, tão bello e tão docemente evocador da figura do Nazareno, de pé no topo do Golgotha, *vestindo ainda a tunica branca e aureolada já do infinito e pairando n'uma grande altura sobre os males terrestres*, na phrase do grande escriptor polaco, e o quadro, como este, de enormes dimensões, *O Martyrio dos Christãos no Circo de Nero*, têla prodigiosa, horrivel e bella, exposta em 1900 em Paris no certamen do *Palais du Glace*, ao tempo em que o *Quo Vadis* absorvia todas as almas, e o seu auctor obtinha alli a mais extraordinaria consagração de que resam os annaes litterarios.

A figura do divino Rabbi da Galiléa, que os antigos artistas se deleitavam em conceber com uma physionomia cheia de perdão, resplandecente de uma expressão sobrenatural, e um corpo fraco e magro, e que no quadro de Carrière, exposto no *Salon* do Campo de Marte em 1897, apresenta um ar de revoltado, cujos membros

## Jesus Christo crucificado



Quadro do pintor W. Bouguereau



# A ceia do Senhor



Quadro do pintor Joseph Aubert



se torcem sob a dôr que arranca aos seus lábios lamentos de desespero, tem no quadro de Julio Costa, uns olhos agradáveis e doces, que se elevam para o céu, desprendidos das coisas terrenas, e uma expressão de benignidade, de mansidão na physionomia que denota um estado d'alma sereno, indiferente á dôr, aguardando a morte sem um grito, sem um lamento.

O corpo do crucificado que, no quadro de Columbano, descêe n'uma attitude de quem muito soffreu e para quem o momento supremo foi de infinita amargura, tão dolorosamente expressa e tão admiravelmente pintada, na tela de Julio Costa é d'uma compleição robustissima, não deixando adivinhar a menor expressão de soffrimento, o que não se compadece com a interpretação bastante humana e verdadeira que o artista deu á tela no seu conjuncto.

A'parte isto, ainda assim sobejamente resgatado pela belleza da composição, que tem uma grandeza imponente e figuras estudadas com cuidado notavel, o quadro o *Calvario* é um dos que mais nobilitam o seu auctor, revelando excellentes qualidades de desenho a par de uma grande firmeza de concepção.

A figura da Magdalena, que se assignala fortemente na tela, e á primeira vista invencivelmente nos attrahe pelo contraste que resulta da tonalidade clara do seu gracioso vulto com o colorido quente da composição, a que dá uma nota cheia de frescura e de elegancia, é um pedaço de primeira ordem que revela o artista de raça que é Julio Costa.

Maria de Magdalena, no primeiro plano do quadro, de joelhos em frente á cruz, ergue os braços nús, n'uma solicitude dolorosa, para o divino sonhador da Galileia; a sua loira cabeça, de abundantes cabellos, que caem em ondas pelas costas, é pintada com carinho, e no torso e na espada direita a luz incide vivamente, e illumina carinhosamente em gradações admiraveis de justeza o resto da figura, envolta nas roupas tratadas com grande largueza e palpitante toda ella de mocidade.

Julio Costa estudou bem as attitudes das outras personagens, insistindo na sua dôr, que, a traços de pungente realidade, imprimiu nas physionomias e nos gestos.

Assim é extraordinaria de expressão a cabeça e a attitude do ancião de longa barba ancestral, que retira de junto da cruz, levando desoladamente a mão á cabeça branca de neve.

O artista soube tambem traduzir com intensidade a piedade profunda e a dôr infinita da Virgem, cujo olhar contempla resignadamente o Christo na expressão bem desolada, bem humana, da mãe que perdeu o seu filho.

O agrupamento dos companheiros de Jesus e mulheres que junto á cruz soluçam convulsivamente, é feliz, bem como o dos guerreiros romanos de physionomias expressivas, armados de capacetes e lanças de espiculos reluzentes.

O céu, pesadissimo, obscurecido de espessas nuvens, está muito bem tractado.

O quadro, representado na gravura, mede 2<sup>m</sup>,22 de altura por 1<sup>m</sup>,57 de largura e é esquisso de um outro de enormes proporções que Julio Costa executou para o retabulo da egreja do Bomfim do Porto, e que deu origem a uma polemica entre o conego Alves Mendes e o critico d'um diario d'aquella cidade, existindo ainda no Museu Municipal do Porto uma tela contendo apenas um detalhe d'esse quadro, representando a figura do divino Crucificado.

Intitula-se *Na Cruz*, sendo como o *Calvario* um quadro digno da reputação do consummado artista dos retratos da *Ti Antunes* e do *Quinsinho Souto Mayor*, da *Varanda dos Mangericos*, d'essa inolvidavel e graciosissima *Romeira* que vimos n'uma exposição realisada ha muitos annos no Atheneu Commercial do Porto e d'outras adoraveis cabeças de estudo com que tem ennobrecido o seu nome e valorisado a arte do seu paiz.

VALLE E SOUSA.

## PENSAMENTOS

E' impossivel ser feliz na terra e no céu; forçoso é perder uma das duas cousas para alcançar a outra.

S. Jeronymo.

Quantos sacrificam a honra, coisa de primeira necessidade, á gloria, coisa apenas de luxo!

Joseph Roux.

## A Cruz nos Seculos

A' minha illustre amiga, D. Adelaide Amalia Henriques de Brito, estremecida irmã do primacial e douto escriptor sr. General Constantino de Brito.

PHARISEUS

Soltae a Barrabás, crucifícae Jesus!  
A' morte! á morte, á morte!

PILATOS

Mas eu não vejo crime, um crime que dê jus  
A' pena que exigis... Dizei que rasão forte?...

ESCRIBAS

Affirma que é o Christo, attrahe as multidões,  
Diz ser — Filho de Deus.  
E ha quem lhe tenha ouvido, em celebres lições,  
Bradar solememente — «Eu sou rei dos judeus!»

PILATOS

Não te defendes Christo? E quedas silencioso?  
Não tens meio nenhum  
De fugir ao castigo ignobil e affrontoso?  
E's tu rei dos judeus, dize?

CHRISTO

*Ego sum qui sum.*

A PLEBE

Solta-nos Barrabás! nem tu negar-nos podes  
Este direito augusto.

PILATOS

Não acho crime em Christo, e o mesmo diz Herodes...  
Portanto lavo as mãos do sangue d'este Justo.

.....  
A noite vae passando envolta em negra teia  
Tecida na traição.  
A Dôr faz larga ronda, e o coração aneia  
Triturado no gral herculeo da afflicção...

E ora em quando, no espaço, as voses tumultuarias  
Voam em ecco audaz,  
A' guisa do rugir de feras sanguinarias:  
«Crucifiquem Jesus, e soltem Barrabás!»

.....  
E' dia. O sol innunda o cimo da montanha  
Dourando a scena augusta, a scena do Martyrio.  
Acode a população, em gritaria extranha  
Na plena embriaguez do carnical delirio.  
E pregado no lenho, a verter sangue e pranto,  
Maltratado da plebe, a quem amara tanto,  
Jesus, o dóce Christo em afflicções atrozes,  
Murmura a soluçar «Perdão aos meus algozes».

Um antigo leproso, a quem sarara o Justo,  
Investe ebrio e escarninho: «Oh! sae d'ahi sem custo!  
E's o Filho de Deus, e nem a ti és util?»  
E uns outros vão jogando a tunica inconsutil.

\* Pobre Mãe, Virgem Mãe, estatua dos assombros!  
Sentindo a Cruz do Filho a resvalar-lhe aos hombros  
Fita-lhe o dóce rosto, espelho de ternura,  
Onde um fio subtil de lagrimas fulgura,



Vinde a mim!



Quadro de J. Wencker



«Tenho sêde!» exclamou o Martyr d'Israel.  
«Bebe, rei dos judeus»...

Era vinagre e fel!

Então curvando a fronte ao pezo do tormento  
Diz: — «*Consummatum est!*» E expira em tal momento.

Porem a natureza agita-se, estremece,  
Saccode, em convulsões, o solo do peccado;  
E' de alto a baixo o veu do Templo espedaçado,  
E tudo se apavora, e tudo se enfurece.

Caem por terra alguns, transidos de terror,  
Sentindo sob os pés o colossal fragor.  
Dos flancos da montanha, os pétreos arcabouços  
Rasgam-se em grandes fossos.

A terra serenou. Piedosamente agora  
José de Arimathéa o Martyr collocou  
Nos braços d'essa Mãe, que convulsiva chora  
A dôr do Filho seu, a dôr de quanto amou!

Anoiteceu ha muito; o ceu lizo e sereno  
Polvilha de luz branca a terra do Calvario,  
Agora silencioso, agora solitario

Como um fundo remorso. Um sopro leve e ameno  
Bafeja os vegetaes com dulcido carinho.  
Um noctivago alado, á roda do seu ninho,  
Crocitando com força, os eccos põe de alarma,  
Até que, pouco a pouco, em ténues sons desarma,  
Desfeitos na espiral das sonoras ondas.

Activos centuriões fazem nocturnas rondas  
Ao tumulto sagrado — «Oh! não, não é mentira  
«O Christo está ali... D'ali ninguém o tira,  
«Que para remover a pedra tumular  
«Não basta um homem só, nem dois... e hão-de suar.»

E entanto do sepulchro assim guardado e visto  
Em breve resurgia o luminoso Christo!  
... Que não podem pagãos, nem sabios, nem atheus,  
Dar leis ao Infinito, e escravisar a Deus.

Duas cruzes em terra; ao meio outra de pé  
Ainda ensanguentada. Ha vozes junto d'esta.  
São vozes do Martyrio, e supplicas da Fé,  
E a Dôr universal que em ais se manifesta.

#### A TERRA

Fui eu que te creei, madeiro do supplicio!  
Fui eu que dei vigor ao primacial inicio  
Da tua magna arteria, ah!, em qualquer leiva...  
Cyclos a fio hauriste a generosa seiva  
Do meu precioso seio... Ah! se eu soubesse então  
Que havias de ser tu o espectro da Paixão,  
Ter-te-hia resequeado em todas as radiculas  
A fonte que alimenta as vegetaes particulas!

E da Cruz uma voz eternecida implora:  
«Terra, venera a Cruz, que é redemptora aurora!»

#### A ARAGEM

Recordo com saudade as tardes melancolicas  
Em que eu te acalentei, nas vibrações cólicas  
Da harpa do Mysterio... eras em taes instantes  
O orgulho da floresta! As frondes luxuriantes,  
Douradas pelo Sol, com tintas do occidente,  
Beijei-tas muita vez n'um suspirar tremente...  
E vejo-te afinal despidida de verdura,  
Patibulo infamante! Ah com grande amargura  
Nos angulos do mundo eu vou repetir isto:  
Em ti foi martellado o Innocente Christo,  
O Verbo immaculado, a luz das maravilhas...  
E tu não te fendeste em multiplas hastilhas!

E da Cruz uma vez serena e dolorida:  
«Aragem, é da Cruz que vae surgir a Vida!»

#### A AVE

Secco, duro, sombrio!... Andei a procurar-te  
Para seres corêto aos meus concertos de arte,  
E não mais te encontrei... Pedi a meus irmãos  
Noticias tuas... Ah! prostraram-te os pagãos!  
Rachadores crueis, com seu serrote agudo  
Cortaram-te a raiz, esmigalharam tudo...  
Uns tóros para o lume, uns ramos feitos pó,  
E o grosso do teu corpo esquarterado, á enxó...  
E deixaram-te assim... Senhor! Senhor! ouvi!  
Nos bosques que estremeço, a patria em que nasci,  
Andâmos a chorar ao ver que, sem viçôr,  
O tronco que deu flôr, é cúmplice do horror!

E da Cruz uma voz celeste faz-se ouvir:  
«Avesinha do Ceu, a Cruz ha-de florir!»

#### O CORAÇÃO

D'este tronco fatal, a que ligado eras,  
Eu quiz fazer um berço ás minhas primaveras,  
Velado pelo Amor, engrinaldado em gloria.  
Ah! Lyrio de Judá!... Suppliciou-te a escoria!  
Ahi, onde embalei as minhas utopias...  
Quero diluir em pranto a Cruz das Agonias!...

E da Cruz uma voz dóce, harmoniosa e sã:  
«Afflicto coração, confia no — amanhã»

#### A FÉ

Vós todos que choraes o Justo, o Mestre, o Verbo,  
Não renegueis a Cruz com sentimento acerbo.  
Jesus santificou-a... é symbolo sagrado.  
Dos braços que ella tem abertos, lado a lado,  
Hão de brotar caudales de leis humanitarias.  
Demolirão a Terra as hostes sanguinarias.  
O direito da força, e o Vicio hediondo e crú  
Darão fóros de genio ás manhas d'Esau...  
Mas não se abate a Cruz... ó almas! repara  
Como a face do mundo a transformar-se vae!

Rugem tufões de guerra e a impiedade zomba?  
Que importa? Christo vela, e firme a Cruz não tomba.

Virá minar-lhe o solo a enxada do atheismo,  
E ella, sem oscillar, padrão do santo heroismo  
Acolherá piedosa, á sua sombra amiga,  
As victimas que o mundo injusto e hostil persiga.  
Ha-de a sciencia orgulhosa arremessar-lhe a luva;  
Doutrinas materiaes, em caudalosa chuva  
Tentarão derrubar-a, aos repellões brutaes...  
Embora!... Ella enraizou nas grandes leis moraes!  
E' ponte illuminada entre o desgosto e a Esp'rança,  
E' symbolo da Crença, é arca da alliança.

Bem sei que ha jacobeus e judas que se ajustam,  
E em relação ao preço ululam, barafustam...  
No emtanto, sem cessar, os seculos percorrem  
Zodiacos do Eterno... Os homens nascem, morrem,  
Destroe-se Babylonia, e a cupidez velhaca  
Na vinha de Naboth assentará barraca...  
E a Cruz a fulgurar nos évos porvindouros  
Derramará na Terra espirituaes thesouros,  
Porque a santificou a divindade plena  
Do Martyr, que perdoou á triste Magdalena,  
E disse a quem não dava á adúltera desculpa:  
«Apedreje-a primeiro o que estiver sem culpa!»

Surgiu então na Cruz em traços diamantinos:  
«Deixae, deixae chegar a mim os pequeninos!»

ANGELINA VIDAL.



## No Santo Sepulcro

Na capella impregnada de lagrimas, em que a atmospheria está como que docemente saturada pelas preces dos seculos, passo em revista n'um exame interior estas coisas já vezes sem conto pensadas... Mas, para adorar sem comprehender, como as almas ingenuas que aqui acodem — e que são os sabios, os logicos d'este

duros abrandam, humilham-se e concebem a piedade. E' o evocador dos sonhos incomparaveis e o despertador das saudades immorredoiras. E' o mestre das consolações inesperadas e o principe dos perdões infinitos.

E, n'este momento, por extranho que isso possa parecer partindo de mim, desejaria dizer áquelles d'entre os meus irmãos desconhecidos que me seguiram até ao Santo Sepulcro: «*Procurae-O, tambem; experimentae... porquanto fóra d'Elle está o nada...*»

(Do Jerusalem.)

PIERRE LOTI.

## Assumptos coloniaes



Tete — A Estação dos correios e telegraphos

mundo — é mister sem dúvida uma intuição e um impulso do coração que ha n'elles ainda e que eu já não tenho.

Por detraz de mim, n'este momento resôa um rumor particular como d'embate d'um corpo nas lages: um velho de cabellos nevados está alli de joelhos rojando a fronte por terra. E a subitas, soergue-se, com as mãos juntas, as lagrimas a deslisarem-lhe pelas faces cavadas, os grandes olhos abertos n'uma expressão de confiança e jubilo extra-terrestres. E' um velho caduco, de rosto já terroso, tocado pela morte — mas n'este instante, transfigurado, d'uma belleza triumphante, apesar de sua fealdade e decrepitude. Na hora de sua inevitavel destruição — destroço da vida — pôde ainda aferrar-se ao que quer que seja de *radiante e eterno*; avô que vae partir, sente que os encontrará lá em cima, os filhos talvez ou os netos, — cabecitas louras de creanças... Oh! fé, fé bendita e deliciosa!

Os que dizem «a illusão é dóce por sem dúvida, mas é illusão e como tal é indispensavel destruil-a no coração dos homens», são insensatos como os que tentassem supprimir os remedios que acalmam e adormentam a dôr, sob pretexto de que o seu effeito cessa no instante da morte.

Entretanto alguma coisa começa a turvar-me os olhos!... Estava surpreso e sem resistencia possivel. E alli, a coberto d'uma pilastra que me esconde, choro dulcissimo pranto, eu tambem; choro todas as lagrimas accumuladas e represadas durante longas angustias anteriores, no curso de tão variadas e vans comedias de que vae entretecida a trama de minha existencia.

Cada qual ora como pôde, e eu não podia mais nem melhor. Embora de pé, na sombra, eu estou agora, com toda a minh'alma, prostrado, como aquelle velho em extasis a meu lado, como aquelle soldado que, pouco ha, se arrastava a abraçar as pedras. *O Christo!* Oh! sim, por mais que os homens façam e digam, Elle continua sendo o *inexplicavel e o unico!* Logo que sua Cruz apparece, logo que seu nome é pronunciado, tudo se pacifica e muda: os rancores extinguem-se e entrevêem-se as renuncias que purificam; em face do mais somenos crucifixo de madeira os corações altivos e

## CLARO-ESCURO

Meu Deus... quanta tristeza existe n'esta vida! Um mal querer tão grande... — e que pueril vaidade! E sobre a terra em flôr sem encontrar guarida, como suspira e chora a pobre humanidade!...

Ninguém alcança nunca a meta apetevida... ninguém tem fé... nem sabe onde haja emfim verdade... — nem nos vai-vens crueis d'esta improficua lida ninguém percebe os dons da Vossa caridade!...

Sómente emquanto fóra o mundo desditoso crê que «viver» consiste em invejar destinos, n'um apartado lar tranquillo e bonançoso

a que dão vida e luz uns risos crystallinos a Mãe vendo chegada a hora do repouso ensina o Padre Nosso aos filhos pequeninos...

(Das Matinas.)

BRANCA DE GONTA COLAÇO.

E' impossivel que uma namorada accenda tantos fogos, sem que lhe caia no coração alguma faísca. ...



Assumptos coloniaes — Mulheres zambezianas em Mutarara moendo farinha em frente da palhota

A belleza é uma carta de recommendação que a natureza deu aos seus favoritos. ...

Prodigalizemos louvor ás mulheres, porque esse é o caminho do seu coração.

C. DE CHAMPENETZ.



## Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios do Porto

ENTRE as instituições philanthropicas de que tanto se ufana a capital do norte, sobressae a benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto. Instituida em 1875, começou a prestar os seus serviços em 25 de agosto, com a maior abnegação e altruismo. *Auxilium in periculo* é a divisa da Associação dos Voluntarios e tem sido sempre o seu norte e o seu guia, inspirando de todos os seus actos, tão eloquentemente patentesados na sua já longa existencia. Os seus relevantes serviços, angariando donativos importantes para victimas de diversas catastrophes, taes como as da praia do Furadouro e de Murcia, terramotos da Andaluzia, naufragos da Povia de Varzim, etc., etc., são bem conhecidos e apreciados na cidade invicta. Foram os bombeiros voluntarios do Porto os que primeiro iniciaram o soccorro aos tuberculosos no norte do paiz, sendo o seu exemplo mais tarde seguido por varias corporações congeneres da provincia. Quando da peste bubonica no Porto, os importantes serviços prestados por esta brilhante agremiação mereceram portarias de louvor distinguindo alguns dos seus membros. Convidada esta corporação a tomar parte no congresso de bombeiros de Lyon, organizado pela Federação Franceza, de tal forma se houve n'esse certamen, que foi galardoada com uma medalha, diploma da Camara de Lyon e uma estatueta de bronze.

Por diversos salvamentos de preciosas vidas, têm sido condecorados grande numero de seus associados com medalhas de prata, habitos de Christo e da Torre e Espada e bem assim com medalhas da Sociedade Humanitaria. Com a medalha d'ouro d'esta Sociedade foi tambem condecorada a Associação dos Bombeiros Voluntarios.

Por testamento da finada senhora D. Joanna Correia, foi contemplada esta humanitaria agremiação com a quantia de dez contos de réis nominaes em inscripções e por testamento do benemerito Antonio Domingos Canedo com a quantia de um conto de réis.

Foram os bombeiros Voluntarios do Porto a primeira corpora-

ção que no paiz teve as suas machinas tiradas por tracção animal. Possui actualmente duas bombas systema *Jauck*, uma outra *Flaud*, um carro de mangueiras e ferramentas, um carro de ma-

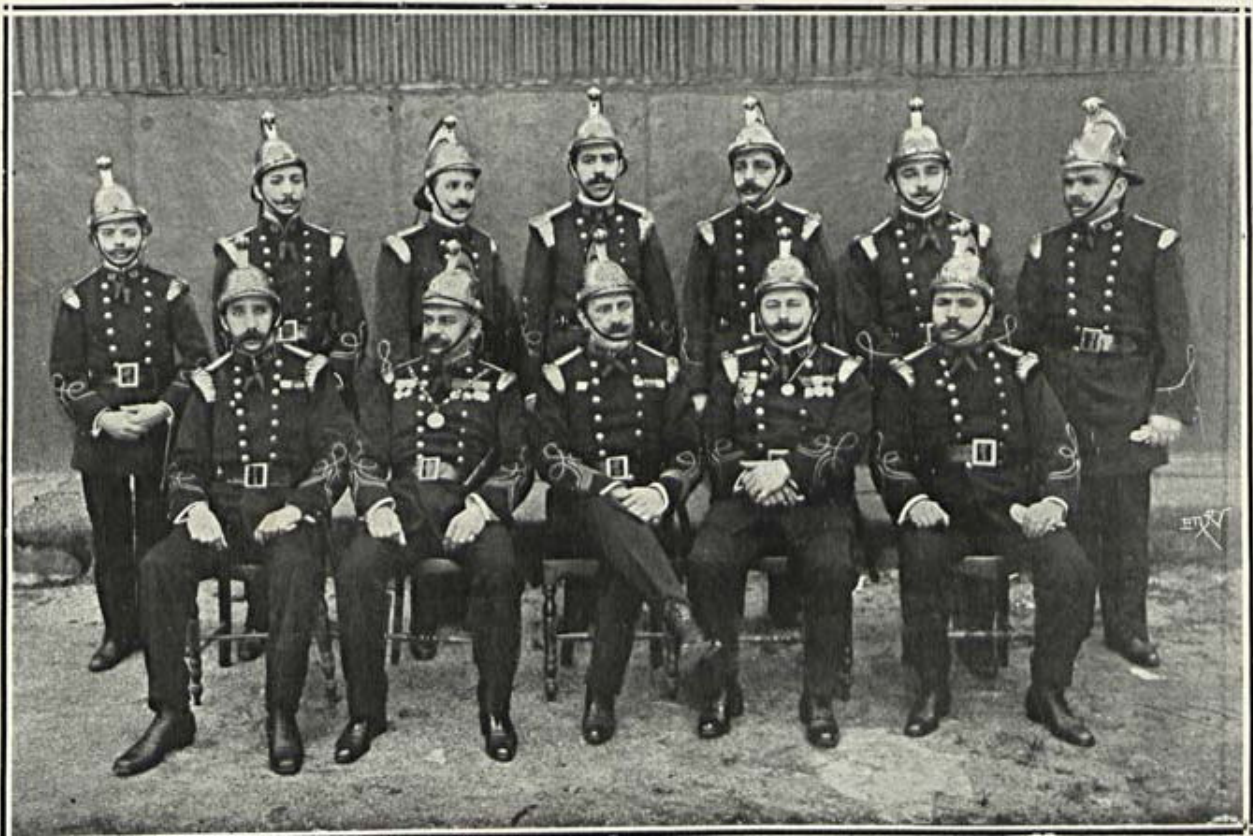


Domingos Mendes Guimarães  
Commandante dos Bombeiros Voluntarios do Porto

terial, e tem em construcção um carro automovel para os primeiros soccorros.

Além de prestar os seus serviços na cidade do Porto, concorre

## Bombeiros voluntarios do Porto



Um grupo de bombeiros voluntarios do Porto tendo ao centro o seu commandante

(Phot. Belleza — Porto)



a todos os sinistros que se manifestam em Villa Nova de Gaya e á distancia de dez kilometros alem do perimetro da cidade. Tem já levado os seus soccorros a Villa Nova de Famalicão, Villa do Conde, Pova de Varzim, Espinho, Negrellos, etc., etc.

Não se limita aos serviços prestados em incendios e desastres a esphera da acção d'esta benemerita collectividade. A sua divisa *Auxilium in periculo* tem uma latitude muito mais ampla: nunca deixou de ser util nem esmoler; antes pretende ser cada dia, mais util e prestimosa. Bastará somente lembrar a protecção a tuberculosos que iniciou no anno de 1900 e as esmolos com que todos os

dias mitiga a fome e frio aos seus pobres protegidos: só desde 1907 até 1909 foram soccorridos 1:651 pobres, a maior parte tuberculosos, sendo 750 contemplados com a esmola de 1:000 réis cada e 901 com a de 500 réis, o que prefaz a quantia de 1:200.500 réis.

Pelo que fica dito se pode fazer uma ideia do que terá sido a obra beneficente d'esta associação realisando grande numero de bódos a indigentes, com importantes dadivas em genero e dinheiro.

Muitos são os actos de altruismo e abnegação que illustram as brilhantes paginas de ouro da Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto, razão porque ella é tão estimada por todos os portuenses.



Bombeiros voluntarios do Porto — Uma sahida do material de incendios

(Phot. Belleza — Porto)

## SAUDADES

I

O' pombas que voaes na tarde mansa  
ide buscar-me aquella que eu adoro; —  
desfolha-se em meu peito a flôr da esperanza  
e são um mar as lagrimas que choro.

Dizei-lhe que ando triste e que me cança  
o procural-a em vão, e que memouro  
longe do seu sorriso de creança  
do seu olhar e das suas tranças de ouro.

Trazei-ma, ó pombas lindas que passaes,  
se tendes pena d'esta minha pena  
e vos afflige a minha soledade.

Tantos são meus queixumes e meus ais,  
que, se a não vél-a, a sorte me condemna,  
à morte me condemna esta saudade.

II

Pois heide assim deixal-a ir, perdel-a,  
cortar-lhe as mãos que me acarinham tanto,  
guardar comigo um coração que é della  
e o riso ardente transformar em pranto?

Pois não heide eu poder amal-a e vél-a,  
e fugir sem razão ao doce encanto  
dos seus olhos mais claros que uma estrella  
quando p'ra ella os olhos alevanto? . . .

O' pombas brancas que passaes, bem vêdes  
que fiz da minha dôr uma montanha  
e um fundo e grande mar da minha magua.

Ide, correi, voae . . . Fomes e sedes  
tudo, tudo sofri, p'ra que ella venha  
enxugar os meus olhos rasos de agua.



# Colyseu dos Recreios

## Companhia de opera italiana



Companhia de opera italiana  
*Maria Galan*



Companhia de opera italiana  
*Isabel Toffé*

Estreou-se no dia 15 no Colyseu dos Recreios, com a *Aida*, de Verdi, a Companhia Giovannini de opera italiana, que já este anno nos tinha visitado, e que voltou agora reforçada com mais alguns elementos de incontestavel valor, figurando no seu elenco, entre outros, os nomes de Isabel Toffé, Maria Galan, Rosalia Pangrazy,

bem cantada pela primeira vez no Colyseu a deliciosa partitura de Puccini, *Madame Butterfly*, para a qual a empresa encommendou scenario completamente novo ao scenographo Constantino Magni, bem como novos adereços e vestuario.

Promette, pois, ser brilhante a epocha lyrica do Colyseu,



Companhia de opera italiana  
*Enriqueta Aceña*



Companhia de opera italiana  
*Rosalía Pangrazy*

Enriqueta Aceña, Michelle Mulleras, Bertacchini, Dioniso Labarta, Vittorio e Emmanuele de Santi, promettendo-nos para breve a vinda da grande celebridade artistica Maria Galvany, que tão querida é do nosso publico, e do tenor ligeiro Paganelli, que vem precedido de enorme fama.

No repertorio figuram, além das operas antigas de maior exito, algumas completamente desconhecidas do nosso publico, sendo tam-

o que mais uma vez vem pôr em relevo o excellente criterio e a competencia do intelligente empresario, commendador Antonio Santos.

O casamento é um livro que não vale o seu prefacio.

...



## À espera...

O ruído compassado e monótono de um velho relógio de parede, interrompe o lugubre silêncio que se derama por toda aquella casa triste, pobre e sombria...

Triste, como o jardimzinho esquecido que a cerca, onde os matagões de verdura invadiram os delicados canteiros de violetas e rosas...

Pobre, como os velhos e carcomidos moveis que a ornamentam...

Sombria, como aquella pallida mulher, que ali, á cabeceira de uma meza, á luz tremula e frouxa de uma véla, agita os cançados dedos sobre a costura...

Que poema de dôres não exprime esse abandono mysterioso, n'aquella casa onde vive uma mulher, moça e formosa, em cuja imaginação bailavam ainda ha pouco os caprichos e as existencias de um anjo!

Sim! Porque houve um tempo — saudosos dias de ventura enganadora! — em que uns dedinhos roseos afastavam, com sublime

— Elle vem, meu amor... elle vem já... Não tarda ahí... Olha, não durmas, não?

— Pois sim... respondeu o pequenito, e voltou ao seu batalhão.

O relógio proseguia no seu tic-tac acostumado; a pobre senhora, esperançosa, cuidava a todo o instante que o esposo ia entrar, mas a loura creança, antes de enfileirar todo o batalhão, pendeu sobre os seus soldados a formosa cabecinha e... adormeceu.

Alfredo Pujol.



Companhia de opera italiana  
Baritono Francisco Molina

## Modo de fazer casar todas as raparigas

Fazia-se antigamente, todos os annos, em Babilonia, um leilão de raparigas. Juntavam-se em certo lugar, e em certo dia apazado, as que pretendiam casar; apregoava-se antes de tudo a mais bonita, que era dada ao que maior somma offerecia por ella; iam-se progressivamente apregoando todas as raparigas por ordem de belleza, até que se chegava ás feias, por



Companhia de opera italiana  
Baritono Labarta



Companhia de opera italiana  
Baritono Scifoni

carinho, os nocivos arbustos que ameaçavam esmagar o violetal tão querido; tempo em que aquella mesma casa, triste, pobre e sombria, era um ninho tepido e perfumado, onde se desenrolára a sombra fugaz de um amor passageiro...

E todas essas delicias, como dolorosas recordações de um passado de enganos, acudiam agora á lembrança d'aquella pallida e triste creatura.

E, sem o querer talvez, chorava.

Deante d'ella, apoiados á meza os pequeninos braços, brancos e polpudos, que se escapavam á manguinha folgada da camisola de chita, uma adoravel creança com os louros cabellos em desalinho, dispunha em ordem militar um batalhão de soldados de chumbo.

Subito, ouvindo os soluços da mãe, quedou-se a contemplal-a com tristeza, como se comprehendesse aquellas lagrimas. Depois, erguendo a ingenua fronte, perguntou, quasi a chorar:

— E o papá?

quem ninguem lançava nada; como o interesse foi sempre a alma do negocio e é muito facil casar a mulher que tem dote, as quantias recebidas pelas mulheres bonitas serviam de dote para as feias, e estas, por fim, por mais horrorosas que fossem, acabavam sempre por achar marido, pois quanto mais feias eram, maior dote se lhes dava e mais, por consequente, se lhes facilitava o casamento. E' o que se chama dourar a pilula.



Companhia de opera italiana  
Baixo Emmanuele de Santi

## COMPAIXÃO!...

Ó deixa que me acoite  
Dentro do teu amor que é verdadeiro!  
Quem me dera ver-te o dia inteiro  
Desde o nascer do sol até á noite!  
Vendo-te, alegre pulsa o coração  
Longe, porém, me mata a solidão!  
Não me trates assim  
Tem compaixão de mim!